

## UMA FÁBRICA DE SONHOS E ILUSÕES: um estudo sobre a mídia e o racismo na educação

Edwilson da Silva Andrade\*

### RESUMO

Com o objetivo de identificar como os discursos conduzidos pela mídia impressa, em especial as histórias em quadrinhos – HQs – são assimilados pelas crianças e que efeitos produzem na sua construção identitária, foi feita uma pesquisa de campo com base na análise das revistas da Turma da Mônica, Ronaldinho Gaúcho, Turma da Mônica Jovem e Luana e sua Turma, tentando apontar uma possível leitura através da observação do arranjo sócio de como se constrói a identidade dos personagens e as suas contribuições no processo de construção identitária dos alunos. A pesquisa acaba por revelar que, embora as narrativas quadrinizadas sejam utilizadas frequentemente em sala de aula como instrumentos de ação pedagógica, as mesmas são organismos perpetuadores de estereótipos e preconceitos raciais contra afrodescendentes. Pode-se perceber que a má utilização desses instrumentos em sala de aula pode repercutir de maneira negativa na construção identitária dos alunos. No entanto, o presente artigo chama-nos a atenção para uma análise crítica desses dispositivos pedagógicos frequentemente utilizados em sala de aula.

**Palavras-chave:** histórias em quadrinhos, construção identitária, mídia e racismo.

### PONTO DE PARTIDA

*“O avisado vê o mal e esconde-se, mas os simples passam e sofrem a pena.”*  
(Livro de Provérbios, capítulo 22, verso 3)

Segundo o Ensaio “A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução” de Walter Benjamin (1980) “O que caracteriza o cinema não é apenas o modo pelo qual o homem se apresenta ao aparelho, é também a maneira pela qual, graças a esse aparelho, ele representa para si o mundo que o rodeia”. E, embora os séculos XVIII e XIX pareçam hoje estar muito distantes, deixaram-nos marcas que se encontram espalhadas na história, na memória, na arte e na mídia brasileira. Durante muito tempo imperou em nossa sociedade e “ainda persiste em nosso país um imaginário etnicorracial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes europeias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras, que são a indígena, a africana, a asiática” (Brasil, DCN, 2004, p. 14). Dessa forma, o que sabemos da nossa história e o que nos é mostrado através da mídia, é muito pequeno diante das ideologias que tentam minimizar as verdades cobertas, e constroem imagens negativas (estereótipos) sobre o negro no Brasil. Um olhar mais profundo sobre nossas raízes, identidade, arte, abre espaço para o reconhecimento e transformação da nossa atual sociedade.

---

\* Formado em Pedagogia e especialista em Arte-Educação pela Universidade Iguazu (Unig), especialista em Relações Etnicorraciais e Educação pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet, RJ).

Para entendermos a importância de se trabalhar a história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar, é necessário compreendermos os processos históricos que durante muitos anos foram a base do silenciamento e da exclusão de um povo que contribuiu de forma significativa para a construção da nação brasileira. Mais do que cumprir a Lei 10.639/03,<sup>1</sup> devemos reconhecer, valorizar, denunciar a miséria e as discriminações, romper com imagens negativas forjadas pelos diferentes meios de comunicação contra os negros. As armadilhas da mídia estão por todos os lados. Com sua fábrica de ilusão e fantasia ela condiciona o modo de pensar, sentir e viver das pessoas. Um exemplo disso é o da mídia publicitária, o qual através de suas informações, imagens e discursos “[...] sugerem o que devemos fazer, o que devemos necessitar, o que devemos valorizar ou desejar. Moldam pensamentos e comportamentos” (Rossi, 2006, p. 9).

Deste modo, ao fazer uma breve revisão acerca das disposições encontradas sobre o tema deste estudo, utilizando as palavras-chave: dispositivo pedagógico, mídia e histórias em quadrinhos, encontramos, em Rosa Maria Bueno Fischer (2002), o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia”, desenvolvido pela autora tendo em vista o pensamento de Michel Foucault, trabalhando assim com a hipótese de que a TV, na condição de meio de comunicação social, ou ainda na condição de simples eletrodoméstico manuseado por nós, cujas imagens consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas. Por concordar com a autora, e acreditar que as histórias em quadrinhos viabilizam as mesmas informações, nos apropriaremos do conceito de “dispositivo pedagógico da mídia” para trabalharmos a leitura crítica das HQs.

Ouvimos constantemente sobre a influência da mídia na formação da opinião e da construção identitária das pessoas. No entanto, não damos o devido valor a esse assunto. Sabemos o quanto é importante discutirmos esse tema, porém, desconhecemos os perigos iminentes que estão por trás de seus apelos, imagens e discursos.

Dessa forma, o presente artigo tem o intuito de abordar o tema: mídia e racismo, com enfoque na mídia impressa, em especial nas histórias em quadrinhos – HQs, por serem também utilizados frequentemente como instrumentos de ação pedagógica em sala de aula. As histórias em quadrinhos podem tornar-se também um dispositivo decisivo no processo de construção de identidades. Desse modo, um instrumento como esse, utilizado em sala de aula, pode repercutir na construção identitária dos alunos.

---

<sup>1</sup> A qual altera a lei que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, em especial nas áreas de Educação Artística, Literatura e História.

Sabemos que as HQs alimentam-se dos acontecimentos, crenças, costumes e culturas existentes na sociedade. Apropriando-se dos estudos de Walter Benjamin, podemos dizer que elas representam o mundo que as rodeia. Muito se tem discutido sobre a importância das histórias em quadrinhos – HQs como prática pedagógica nas escolas. E como já afirmava Luyten na década de 1980, “Os quadrinhos podem, de um lado, despertar manifestações artísticas e, de outro, ser um poderoso auxiliar em sala de aula e comunidades” (Luyten, 1985, p. 84).

Ao contrário do que muitos pedagogos apregoam, os quadrinhos exercitam a criatividade e a imaginação da criança quando bem utilizados. Podem servir de reforço à leitura e constituem uma linguagem altamente dinâmica. É uma forma de arte adequada à nossa era: fluida embora intensa e transitória, a fim de dar espaço permanente às formas de renovação. O que se pode discutir, e que é o propósito destas análises, é o conteúdo das HQ, muitas vezes inadequado à nossa realidade. A influência (positiva ou negativa) deste poderoso meio de comunicação, que atinge principalmente o público infanto-juvenil, é um assunto muito sério, tendo em vista os altos índices de consumo (id., p. 8).

Levando em consideração as alterações trazidas à Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional pela Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, entendemos que as HQs podem torna-se um importante dispositivo pedagógico para se trabalhar em sala de aula a importância política e histórica da diversidade; o fortalecimento de identidades e de direitos; além de ações educativas de combate ao racismo e a discriminações.

Sendo assim, a questão em torno da qual se desenvolve o presente trabalho é a compreensão do discurso veiculado pelos quadrinhos e a sua influência no processo de construção identitária, cujos efeitos reais sobre o imaginário das crianças e adolescentes os levam a experimentarem o desejo de se tornarem outros, negando seu grupo de pertencimento. Desse modo, devemos estar atentos, pois “o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer” (Fiorin, 2001, p. 32).

Diante deste quadro é que surge a pesquisa aqui apresentada, com o intuito de apontar o modo como opera a mídia impressa (particularmente, as histórias em quadrinhos) no sentido de compartilhar (até mesmo influenciar) efetivamente na construção identitária dos sujeitos, na medida em que produzem imagens, significações, saberes, representações que compreendem os processos formativos – estes, muitas vezes, invisíveis aos nossos olhos, mas sentidos no cotidiano das relações. Dessa forma têm um sentido de “endereçamento”, pois há uma série de métodos, técnicas e condições criadas deliberadamente para suscitar ideias, conhecimentos, valores, atitudes, comportamentos, etc.



## CAMINHOS PERCORRIDOS

A partir da análise das revistas da Turma da Mônica, Ronaldinho Gaúcho, Turma da Mônica Jovem, Luana e sua Turma e das hipóteses levantadas, interessava observar a interação do público infanto-juvenil com os discursos veiculados pelas HQs, tendo surgido daí esse interesse em investigar o uso dos quadrinhos na sala de aula, verificando como e de que modo os discursos conduzidos por esse meio de comunicação interferiam no processo de construção identitária desse grupo.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo cuja metodologia empregada consistiu no formato de oficina, tendo sido aplicados questionários como técnica utilizada para a coleta de dados. Os questionários traziam as seguintes perguntas: (1) Com qual desses personagens você se identifica? (2) Qual se parece com você? Nessas oficinas, foram trabalhadas as questões de identificação culturais e raciais a partir da comparação entre alguns exemplares das revistas em estudo.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi escolhida uma escola municipal que atua com a educação básica, precisamente com a educação infantil e o ensino fundamental, localizada no município de Nova Iguaçu, RJ, num bairro afastado do centro.

A concretização da oficina nessa instituição de ensino, em três turmas distintas, possibilitou conhecer:

- os valores atribuídos aos personagens brancos, revelando o ideal de branquidão;
- alguns procedimentos dos alunos na hora de se identificar com os personagens, demonstrando o desejo de ser um outro e ao mesmo tempo um receio de se identificar com os personagens possuidores de suas características; e
- as atitudes que evidenciam o desenvolvimento de uma imagem negativa sobre as pessoas negras.

Em um primeiro momento, os questionários foram distribuídos aos sujeitos participantes da pesquisa, orientando-os para que marcassem nas lacunas ao lado dos personagens, aqueles com quem eles se identificavam, seja pelas características físicas ou pela personalidade, e que expusessem o porquê da sua escolha. Em seguida, foram convidados a virarem os questionários pelo avesso, sendo apresentados aos mesmos as revistas em quadrinhos em estudo. As revistas circularam pela sala de aula durante vinte minutos. O tempo dado foi para que os participantes pudessem observar e analisar as HQs. Em um segundo momento, no verso da folha pediu-se para



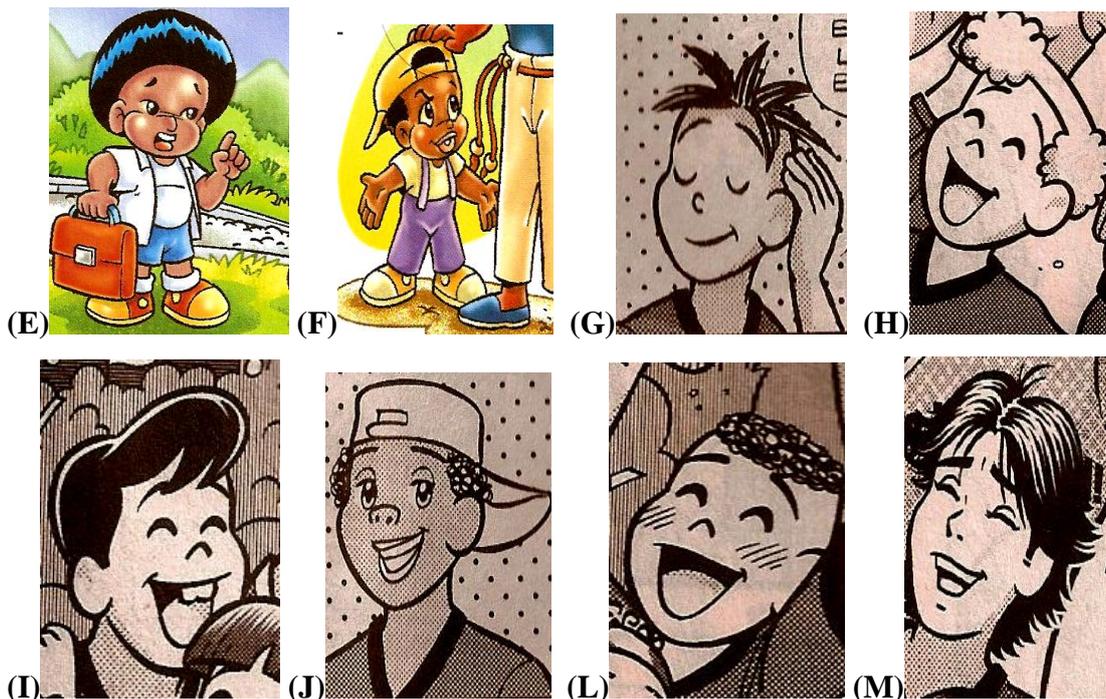
que os mesmos escrevessem o nome da revista que mais lhes chamou a atenção e sinalizassem o motivo da escolha.

A pesquisa contou com um total de 68 alunos, sendo 39% dos educandos do 5º ano e 37% do 3º ano do Ensino Fundamental (EF) e 24% da Educação Infantil (EI), com idade variando dos cinco aos quatorze anos, com maior prevalência na faixa etária dos nove a onze anos. Dentre os participantes, 50% são meninas e 50% meninos, com maior percentual de meninas no 5º ano do E.F. e de meninos no 3º ano do E.F.

Os questionários foram tabulados seguindo uma abordagem quantitativa, orientando-se para a construção de gráficos que indicam os percentuais quantitativos das respostas coletadas. A partir daí, os dados e gráficos foram analisados com os referenciais qualitativos, observando-se a qualidade das respostas pela análise de conteúdo conforme sugere Bardin (1970). Deste modo, podemos definir o estudo como de abordagem quanti-qualitativa, também denominada como multimétodo por Campbell e Fiske (1959 *apud* Jick, 1979).

Passamos abaixo a apresentar as análises sobre os dados construídos. A primeira questão do questionário – *Com qual desses personagens você se identifica? Qual se parece com você?* – tinha como objetivo saber com qual figura iconográfica os sujeitos iriam se identificar e a causa da sua escolha. A questão vinha acompanhada de 20 alternativas imagéticas, sendo 12 de personagens masculinos e 8 de femininos, entre brancos e negros, para que os sujeitos marcassem aquelas que julgassem como definidoras de sua identidade e que, de alguma forma, contemplassem suas expectativas.





As alternativas referentes aos personagens masculinos eram as seguintes: (A) Diego; (B) Cebolinha; (C) Ronaldinho; (D) Cascão; (E) Cauê; (F) Luisinho; (G) Cebola; (H) Xaveco; (I) Titi; (J) Jeremias; (L) Cascão jovem; (M) Nimbus.

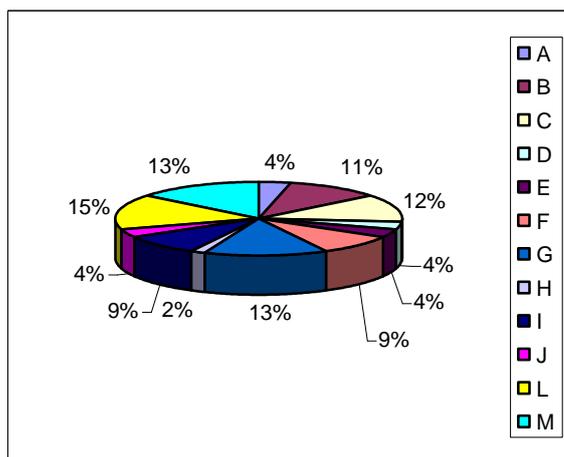


Gráfico 1: Resultado geral dos personagens masculinos.

As alternativas referentes às personagens femininas eram as seguintes: (A) Mônica; (B) Luana; (C) Magali; (D) Zabelê; (E) Magali jovem; (F) Cascuda; (G) Nena; (H) Mônica jovem.

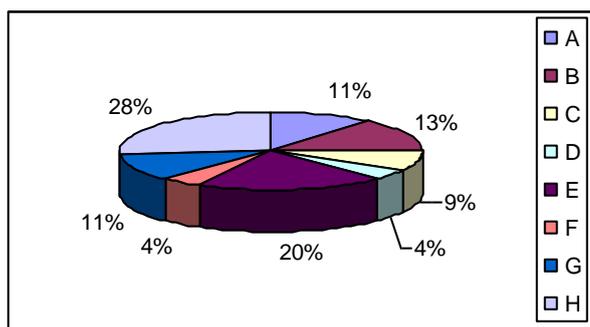
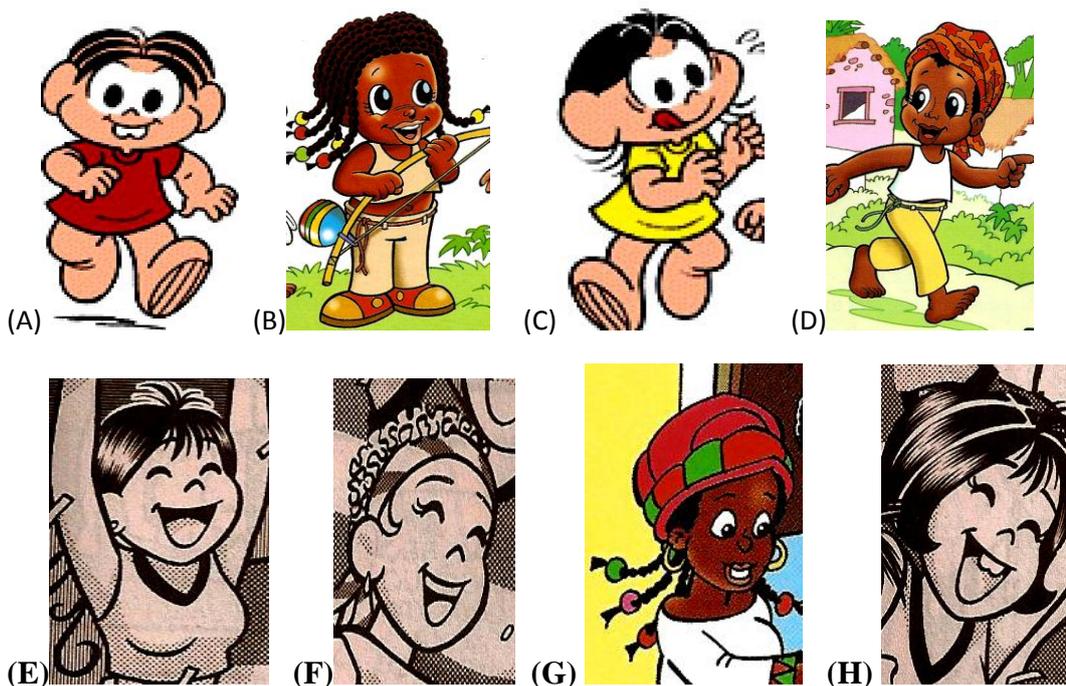


Gráfico 2: Resultado geral dos personagens femininos.

Atendendo as nossas expectativas, os resultados mostram que os percentuais de personagens brancos escolhidos foram bem maiores que os de negros. Sendo assim, com 15% das escolhas está o Cascão, seguido de Nimbus 13% e Cebola 13%. Já entre as figuras femininas, Mônica fica com 28% e Magali 20%. O que nos chama atenção nesses dados é que tanto os personagens escolhidos pelos meninos como os pelas meninas são da revista da *Turma da Mônica Jovem*.

A seguir, apresentaremos os gráficos comparativos das escolhas feitas pelos alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, com o intuito de expor a diferença de opiniões, levando em consideração que o primeiro grupo está em formação (concebendo a sua identidade) e pode começar a desenvolver uma forma de “pré-conceito”, enquanto, o segundo grupo já está construindo (estruturando) sua identidade.

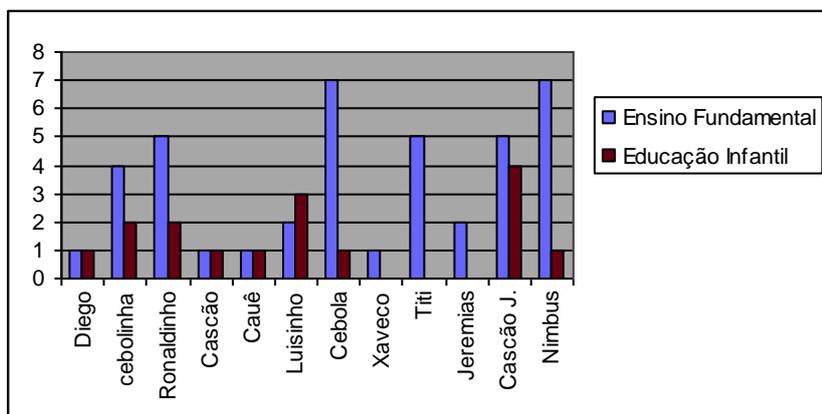


Gráfico 3: Comparativo E.I./E.F.

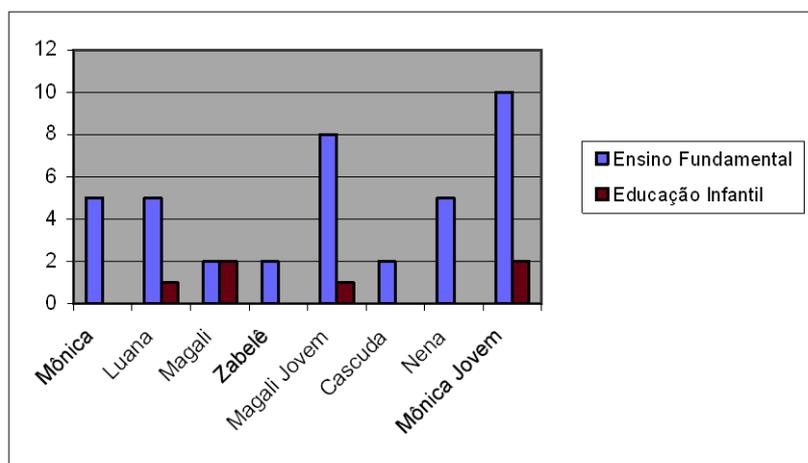


Gráfico 4: Comparativo E.I./E.F.

Os resultados mostram que no Ensino Fundamental houve um maior registro de personagens brancos, Mônica (10); Magali (8); Cebola (7) e Nimbus (7), ambos da *Turma da Mônica Jovem*. Na Educação Infantil, os percentuais de registros de personagens negros foram maiores e diversificados: Cascão (5), Luisinho (3), Ronaldinho (2), cujas respectivas revistas são *Turma da Mônica Jovem*, *Luana e sua Turma* e *Ronaldinho Gaúcho*. As figuras femininas registradas são: Magali (2) (*Turma da Mônica – tradicional*) e Mônica (2) (*Turma da Mônica Jovem*).

Com os dados obtidos, podemos supor que parte das meninas da Educação Infantil já está desenvolvendo uma forma de “pré-conceito”, pois em sua maioria são alunas negras, que independente do modo como se veem (crianças ou adolescentes) não querem a sua imagem associada a personagens negros. Em relação aos alunos do Ensino Fundamental, podemos dizer que os mesmos já estão interiorizando os discursos racistas e preconceituosos que circulam em nossa sociedade.

Cavalleiro afirma que:

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros.

Isso leva a supor que uma imagem desvalorativa/inferiorizante de negros, bem como a valorativa de indivíduos brancos, possa ser interiorizada, no decorrer da formação dos indivíduos, por intermédio dos processos socializadores. Diante disso, cada indivíduo socializado em nossa cultura poderá internalizar representações preconceituosas a respeito desse grupo sem se dar conta disso, ou até mesmo se dando conta por acreditar ser o mais correto (2003, p. 19).

Na segunda parte da pesquisa, a questão “Identificam-se por causa da...” era de resposta aberta. Dessa forma, pela metodologia de análise de Bardin (1970) – análise de conteúdo pela contagem da recorrência dos registros –, a palavra de maior frequência (*aparência*) indicava que a estética dos personagens se aproximava da dos sujeitos participantes, ou seja, o que havia em comum entre eles era a aparência.

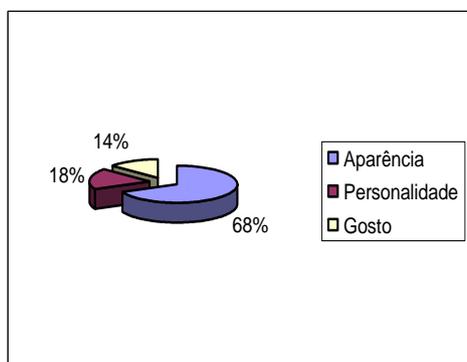


Gráfico 5: Identificam-se por causa da...

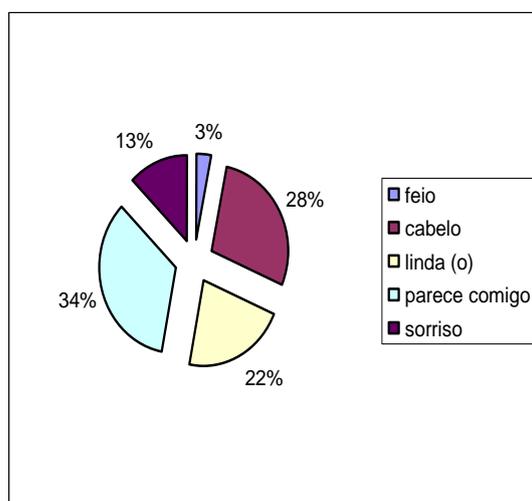


Gráfico 6: especificação da aparência

É de se observar nos gráficos apresentados que 68% dos participantes se identificam por causa da aparência. Dentre esses sujeitos, 34% afirmam que *parece comigo* sem detalhar ou especificar o porquê. No entanto, 28% se identificam por causa do *cabelo* e 22% pelo padrão de beleza: *Linda(o)*.

Analisando de forma geral, percebemos que a questão do cabelo é marcante tanto nas meninas como nos meninos. Os meninos, ao identificarem o cabelo, naturalizam, ao afirmar que é pelo estilo de corte, tamanho, ou simplesmente porque é igual ao deles, independente do



personagem escolhido ser negro ou branco. Já as meninas, embora ao associarem os cabelos das personagens aos seus sigam o mesmo padrão dos meninos, recorrem a justificativas com mais detalhes quando as personagens escolhidas são brancas. Vejamos a fala das alunas A e B do 5º ano, ao se identificarem com a Mônica e a Magali Jovem: “O cabelo dela é liso que nem o meu e porque ela também é linda”; “Porque o cabelo dela é liso que nem o meu e ela é linda que nem eu”.

A necessidade de apontar o cabelo como liso revela a sua identificação com os que detêm esses traços corporais. Sendo assim, ao expressarem que *ela é linda como eu* expõem um conceito de beleza que na verdade está associado ao cabelo liso. Esses dados demonstram o cabelo como signo simbólico, além de explicitar como os cabelos são tratados ou abordados na sociedade.

A questão da beleza é outro fator muito importante para entendermos como a imagem dos negros é associada a estereótipos negativos. Durante a análise, constatamos que não há a identificação das figuras negras quanto à aparência no que se refere ao cabelo e sim pela necessidade de, quem sabe, aliviá-las do “peso” da sua cor de pele e de seu cabelo crespo, afirmando: “Ela se parece comigo porque eu sou linda” (Aluna C do 5º ano); “Porque eu sou linda” (Aluna D do 5º ano). O uso do adjetivo evidencia sua aceitação e a associação às personagens pelo simples fato de as mesmas não serem estereotipadas e inferiorizadas. Deste modo, “O corpo surge, então, nesse contexto, como suporte da identidade negra e o cabelo crespo como um forte ícone identitário” (Gomes, 2002, p. 41).

Mesmo de forma breve é possível perceber que a construção identitária não está apenas ligada ao conhecimento construído através da interação do sujeito com o meio, mas ao processo de produção de sentido que este meio produz. O conhecimento prévio e as experiências do sujeito apenas fornecem pistas às construções de sentido dos signos lidos.

Foi o que apreendemos no decorrer da análise, ao constatarmos que 29% dos sujeitos se encontram explicitamente no que aqui vamos chamar de “entre o desejo de ser e o receio de parecer”. Diagnosticamos pelos registros que os sujeitos de imediato escolhiam as figuras negras e logo em seguida apagavam e marcavam as figuras brancas. Isso nos mostra uma interiorização negativa das suas diferenças raciais, procurando assemelhar-se fisicamente com o branco como forma de aceitação.

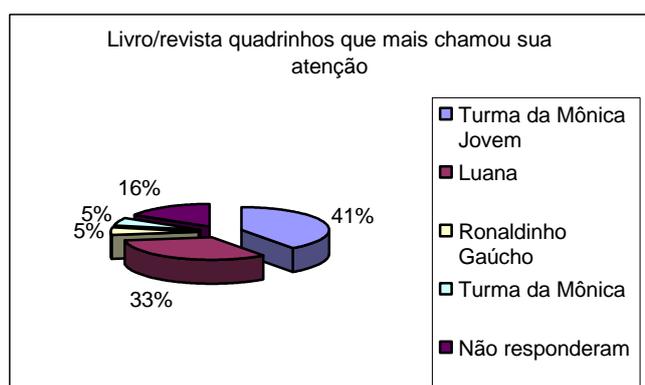
Houve também casos de escolherem dois personagens: um negro e outro branco, dois negros ou dois brancos. No entanto, ao escolheram dois negros um sempre estava ligado ao esporte ou à cultura africana (Ronaldinho/Luana) e, no caso de dois personagens brancos, um possuía traços físicos mais europeus (Nimbus) em detrimento do outro escolhido. Em nenhuma dessas situações,

os sujeitos justificaram o porquê das suas escolhas, exceto no caso do aluno E do 5º ano, o qual escolheu o personagem Nímbus e depois marcou o Cascão Jovem e afirmou: “Me identifico com o Cascão porque eu e ele somos muito feios”. “Assim, foi possível reconhecer um desejo de mutação do próprio corpo, um sentimento de recusa ao seu grupo étnico e o desejo de pertencer ao grupo branco, indicando um sentimento de vergonha de ser do jeito que se é – negro” (Cavalleiro, 2003, p. 65).

Os resultados até aqui apresentados me levam a fazer a mesma pergunta que a pedagoga e mestre em Educação Jeruse Romão fez: “Uma criança negra é uma criança negra ou precisa deixar de sê-lo para ser aceita?” (2001, p. 173).

Segundo Eliane Cavalleiro, “a identidade é concebida como um processo dinâmico que possibilita a construção gradativa da personalidade no decorrer da existência do indivíduo” (2003, p. 19). O que nos leva a entender que, durante esse processo de construção identitária, o indivíduo vai assimilando os discursos veiculados em nossa sociedade. Conforme explica Fiorin, “O homem aprende como ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala” (2001, p. 35).

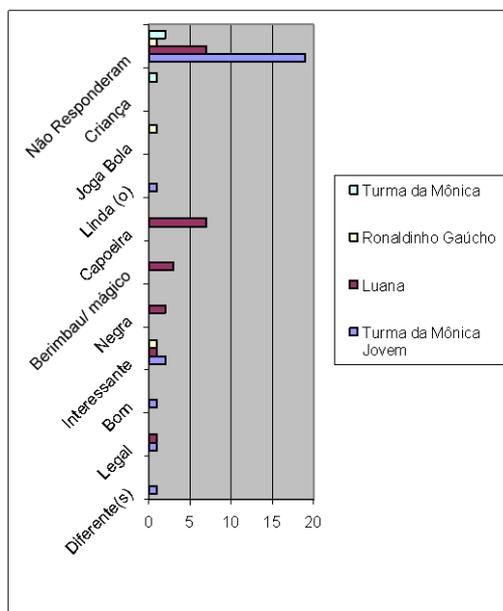
A última questão “De qual dos materiais apresentados você mais gostou? Por quê?”, visava perceber como as leituras das imagens estabelecem uma interação com o leitor e como essas imagens podem contribuir para um imaginário estereotipado do negro, ou para a valorização da história e cultura afro-brasileiras.



**Gráfico 7:** Escolhas das revistas.

Os resultados mostram que as revistas mais votadas foram *Turma da Mônica Jovem* e *Luana e Sua Turma*, ambas desconhecidas pelo público participante. De um lado uma revista predominantemente de personagens brancos, de outro, uma revista marcada pela presença de negros como protagonistas, num cenário com personagens multiétnicos. No entanto, não podemos ignorar o expressivo percentual de 16% dos participantes que não responderam de qual das revistas apresentadas mais gostou. Esse silêncio pode significar conflitos existenciais em relação à

identidade, bem como a confrontação ao serem apresentados a revistas em quadrinhos que desmentem o imaginário de um negro estereotipado.



**Gráfico 8:** Motivo da escolha.

Quanto a “Por quê?”, as respostas abertas puderam apontar, pela metodologia de análise de Bardin (1970), que a escolha da *Turma da Mônica Jovem* está associada ao fato de a mesma ser *interessante, boa, legal, diferente*. As expressões utilizadas não definem com clareza a percepção dos sujeitos. No entanto, podemos supor que a escolha da mesma se deve à ruptura com a infância e à identificação com os personagens através da presença de ícones associados à juventude (roupas, tênis, mochila, brinco masculino, penteado, etc), e por retratar situações cotidianas que envolvem temas associados à sexualização dos corpos e ao consumo. Vale ressaltar que as representações dos jovens, nos novos quadrinhos da *Turma da Mônica* estão atravessados absolutamente por representações outras, concernentes a classe social, cor, gênero, etc. Chama-nos atenção que, apesar da escolha da revista por 41% dos participantes da pesquisa, a maioria deles não justificou a sua escolha. Isso nos leva a deduzir que os resultados apresentados são na verdade efeitos do racismo em nossa sociedade.

Segundo Gomes,

Os efeitos da prática racista são tão perversos que, muitas vezes, o próprio negro é levado a desejar, a invejar, a introjetar e projetar uma identificação com o padrão hegemônico branco, negando a história do seu grupo etnicorracial e dos seus antepassados. Esse é um dos mecanismos por meio do qual a violência racista se manifesta.

O ideal da branquira tão incrustado em nossa história torna-se uma abstração e é reificado e colocado na condição de realidade autônoma, independente. Dessa forma, o padrão branco torna-se sinônimo de pureza artística, nobreza estética, majestade moral, sabedoria científica, a ideia da razão. A paz, o belo, o bom, o justo e o verdadeiro são brancos. A violência, a feiúra, a injustiça, as contendas



são negras. Ao branco atribui-se a cultura confundida como ilustração. Ao negro atribui-se a cultura confundida como exotismo e/ou primitividade (2001, p. 92-93).

As expressões utilizadas para definir a escolha da Revista *Luana* demonstram algumas particularidades da cultura afro-brasileira. As palavras “capoeira”, “berimbau” e “negra” revelam o impacto das imagens valorativas na formação de opinião dos sujeitos, e por que não dizermos, na formação identitária dos participantes. Conforme observado, no decorrer da tabulação dos dados, os índices de escolha dos personagens brancos eram bem maiores que os de personagens negros, no entanto, nos últimos gráficos apresentados, percebemos uma diferença de apenas 8% entre as escolhas das revistas *Turma da Mônica Jovem* e *Luana e Sua Turma*. Ainda que esse percentual pareça insignificante, revela-nos a importância dessa HQ na reeducação das relações etnicorraciais.

Segundo Sousa, A.:

As imagens das narrativas literárias, quando utilizadas adequadamente, longe de uma visão etnocêntrica, branqueadora, a qual é quebrada nessas obras, oferece ao leitor re(a)apresentações positivas do negro, do descendente de africanos, contribuindo para uma “modificação da rede de significados da palavra negro, mestiço”, pardo, possibilitando ao branco uma reeducação quanto à visão estereotipada do negro, e a este elevação da autoestima e resgate de sua cultura (2001, p. 211-212).

Retomando a questão da falta de justificativa, o expressivo número de sujeitos que identificaram a revista, porém não justificaram o porquê das suas escolhas, silenciando assim, o real motivo de terem-na elegido, é resultado de um silêncio que, embora aparente nada querer dizer, na verdade é fruto de uma ausência de informação.

O silêncio dos participantes diante da justificativa de terem optado pela revista da *Turma da Mônica Jovem* expressa o embate com o novo: as certezas, as verdades absolutas, as formações ideológicas que os moviam e os posicionavam perante a sociedade estão sendo confrontadas com a invalidação dos paradigmas que os regiam, resultando na falta de argumentos coerentes para suas escolhas, como também, outras alternativas motivadoras podem ser a causa desse silêncio.

Entretanto, o silenciamento dos sujeitos que optaram pela revista *Luana e sua Turma* podem ser fruto das incertezas que foram sendo fabricadas ao longo do tempo. Conforme explica o sociólogo alemão Ulrich Beck, “Não há nada certo além da incerteza” (2006, p. 5). Nesse jogo de dúvidas e insegurança, o discurso elucidado durante anos pelos meios de comunicação que traçam imagens negativas contra os negros mais fabrica e intensifica as incertezas, colocando os sujeitos no limite de sua fragilidade.

Deste modo, fica claro que “esse processo de construção e fortalecimento da identidade, tanto pessoal quanto coletiva, passa necessariamente por uma luta pelo reconhecimento” (Santos, 2008, p. 157). E isso requer mudança nos discursos, mas segundo Edna Castro,<sup>2</sup> “de nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças” (Freire, 2006, p. 10). Diante do exposto e dos resultados apresentados, “[...] percebemos que, quando o sujeito não é reconhecido no seu potencial, nas histórias de vida que carrega e nas atividades desenvolvidas, este é privado da construção da identidade pessoal e conseqüentemente da valorização do coletivo” (Santos, 2008, p. 157). Sendo assim, essa luta deixa de ser por reconhecimento para se tornar uma simulação, “entre o que se é e o que gostaria de ser” apontando o modelo de beleza branca como desejável.

### PONTO DE CHEGADA

Podemos, à guisa de conclusão, afirmar que sem dúvida as HQs têm sido um dos instrumentos decisivos no processo de construção identitária. Os resultados da pesquisa de campo confirmam as hipóteses levantadas e apontam a importância de trabalhar-se o fortalecimento de identidades. Analisando os quadrinhos, salvo algumas exceções, percebemos que os negros nem sempre são retratados nas HQs brasileiras, e quando o são, as imagens dos personagens estão sempre impregnadas de estereótipos. Uma das exceções é a revista da *Luana e Sua Turma*, cuja proposta é resgatar a autoestima das crianças negras, reconhecendo a cultura afro-brasileira e valorizando o corpo negro e o cabelo crespo como signos simbólicos de identidade etnicorracial.

Conforme explica Jeruse Romão, “O que somos é determinado também pela realidade exterior, por aquilo ou aqueles que nos cercam” (2001, p. 173). A consideração remete à ideia de que “a identidade resulta da percepção que temos de nós mesmos, advinda da percepção que temos de como os outros nos veem” (Cavalleiro, 2003, p. 19).

Portanto, a composição estética dos personagens negros na HQ *Luana e Sua Turma* revelam o reconhecimento e a valorização da identidade afro-brasileira expressa na textura capilar, na cor da pele, nas tranças e torços que garantem a estética dos cabelos, no rosto em que estão representados os traços fenotípicos que de forma harmônica projetam a imagem do negro sem alterações excessivas e depreciações que acabam estereotipando a figura do negro.

Deste modo, o presente trabalho tem o intuito de despertar nos educadores a necessidade de se pensar a Comunicação Social como dispositivo pedagógico capaz de formar consciências. Nesse contexto, as Histórias em Quadrinhos e os resultados aqui expressos tornam-se um subsídio

---

<sup>2</sup> Mestre em Educação, escreveu o prefácio do livro *Pedagogia da Autonomia* do professor Paulo Freire.

para os professores trabalharem os princípios previstos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Lei 10.639/03 e Parecer CNE/CP 3/2004), tendo como eixos norteadores: a *consciência política e histórica da diversidade*; o *fortalecimento de identidades e de direitos*; *ações educativas de combate ao racismo e a discriminações*.

Levando em consideração a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento, as quais estão constituindo um conhecimento acerca de si próprios, competenos, enquanto profissionais da educação, analisar esse tipo de discurso que, veiculado por essas HQs e interiorizado por nossos alunos, leva-os a experimentarem o impossível desejo de se tornarem brancos.

Dessa forma podemos concluir então, com essa análise, que o corpo humano, encontra-se para além de uma construção física: é na verdade uma construção social, que num sentido amplo, é canal de reivindicação, denúncia ou de subordinação. Sendo assim, o corpo negro e o cabelo crespo tanto podem ser signos simbólicos de identidade, como signos de cristalização de estereótipos.

Assim sendo, não podemos ignorar que as crianças, assim como os adultos, são alvos das armadilhas da mídia impressa que, com suas múltiplas potencialidades e limites, utiliza-se dos recursos da linguagem como meio de colocar em jogo suas reais intenções. Deste modo, percebemos que “a ideologia, ao promover o estereótipo, leva o estereotipado a internalizar sua imagem negativa, idealizada com o objetivo de inferiorizá-lo e oprimi-lo” (Cavalleiro, 2003, p. 63).

Sendo assim, “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros” (Gomes, 2003, p. 171). É neste campo repleto de incoerências que os professores são formados e, posteriormente, passam a trabalhar formando sujeitos. Portanto, redimensionar o olhar sobre as HQs que circulam em nossa sociedade, escolas e salas de aulas, tornando-se mais sensível às minúcias lançadas por esse meio de comunicação pode significar a construção de leituras mais amplas para além das letras, como estratégia pedagógica de reconstrução do imaginário social e de fortalecimento das identidades, pois “o aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas” (Vygotsky, 1998, p. 108). Dentre essas, importante seria a de uma educação antirracista, cujos princípios sejam norteados pela igualdade, reconhecimento e valorização do negro em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Lawrence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1970.
- BELCK, Urilch. *Incertezas fabricadas (Entrevista)*. IHU ON LINE – REVISTA DO INSTITUTO HUMANISTA UNISINOS, 181 ed. Maio de 2006, p. 5-12. Disponível em: [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) Acessado em: 08/02/2010.
- BENJAMIN, Walter. *Benjamin/ Adorno/ Horkheimer/ Habermas*. São Paulo, Abril Cultural, 1980. (Inclui A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução e Surrealismo.)
- BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Parecer CNE/CP 3/2004. Brasília: MEC/SEPPPIR, 2004.
- BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. *Diário Oficial da União*. Poder Legislativo, Brasília, 10 jan. 2003, p. 1.
- CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 33 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. Col. Leitura.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002.
- GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane. (Org.) *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 83-96.
- \_\_\_\_\_. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.
- \_\_\_\_\_. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? In: *Revista Brasileira de Educação*, n. 21, p. 40-51, set./nov., 2002.
- JICK, Todd. Mixing qualitative and quantitative methods: triangulation in action. *Administrative Science Quarterly*, v. 24, n. 4, p. 602-611, dec. 1979.
- LUYTEN, Sonia M. Bibe (Org.). *História em quadrinhos: leitura crítica*. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 161-178.
- ROSSI, Maria Helena Wagner. *Imagens que falam: leitura da arte na escola*. 3. ed. São Paulo: Mediação, 2006.
- SANTOS, Ramofly Bicalho. *O projeto político pedagógico dos trabalhadores rurais sem terra: trajetória de educadores e lideranças*. Campinas: Editora Komedi, 2008.
- SOUSA, Andréia Lisboa. Personagens negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos. In: CAVALLEIRO, E. (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 195-213.
- VYGOTSKY, Lev Semenovick. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad.: José Cipolla Neto; Luiz Silveira Nenna Barreto; e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.